

NOVO ELOGIO

22

A

SUA ALTEZA REAL,

CONSAGRADO

NAS ARAS DA PUBLICA FIDELIDADE;

1/7
20

COM HUMA BREVE NARRAÇÃO

DOS

PASMOSOS MERITOS

DO

EX.mo SR. GENERAL EM CHEFE

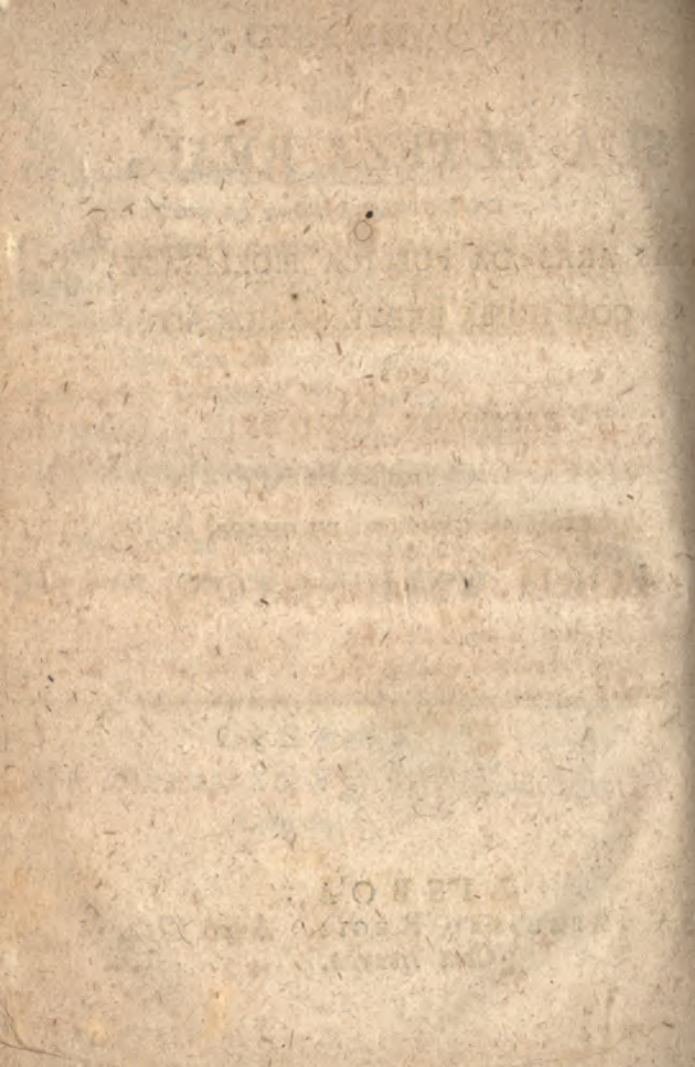
LORD WELLINGTON.



LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1814;

Com licença.



SONETO I.

SENHOR: Mais do q' o bronze, o puro affecto
 Vos conduz esse triunfo a eternidade:
 Como em si não cabia a Magestade,
 Precizou duplicalla o assombro erecto.

Onde a Gloria irá dar do Augusto objecto;
 Se ainda até quando ao Culto e raridade
 Da Arte soccorros dá: admira a idade,
 Ser mais curto o elogio que completo?

Mas faz por Vós o amor ao tempo a Guerra,
 E desta fórma em Votos Singulares,
 Mais este brado a Vossa fama incerra.

Novo Imperio firmaes sobre os Altares:
 Depois de encher com sacros Dons a terra,
 Justo he, com pasmos, que occupeis os Ares.

SONETO II.

Contra o furor do tempo, ao tempo erguida
 Em Vossa Memoria, oh Principe triunfante!
 Sobe Gloriosa a desafiar constante
 Todo o poder á duração crescida.

Assim perpetuamente esclarecida
 Se ha de attender á Augusta Luz Reinante,
 Em que além da alma e vida amante
 Vos dobra o obsequio outra segunda Vida.

Sim, grande e estremosa ancia he a Portugueza:
 Mas o seu todo fôra pouca parte,
 Sem que o alto Ceo auxiliasse a empreza.

Por isso o empenho em pasmos se reparte;
 E ao maior Principe que deo a Natureza,
 Bem he, que applauda o que he milagre da Arte.

SONETO III.

O Pio, o Recto, o Justo, a Utilidade;
 Sim te faz immortal: mas, no que clama,
 Hoje quiz a impressão da Luza chamma,
 De mais troféos ornar-te a Authoridade.

Fórma o equestre elogio a Magestade;
 E proprio em dedicálo então se infama,
 Ao Monarca, que vence a propria fama,
 De metal que compete a eternidade.

E como em tanta acção esclarecida,
 He mais que débil pagina da Historia,
 A Lamina do bronze endurecida:

Deste então te erigio esta Memoria;
 Porque até competindo-o a Augusta Vida,
 Se eternize, mais que elle, a tua Gloria.

SONETO IV.

Senhor: Fez Vosso indulto, necessaria
 Acção do Reino a effigie consagrar-te;
 E do Régio esplendor recebem parte,
 Para se illuminar de extraordinario.

Em holocausto público, tão varia,
 Ou tanta expoz a chamma de adorar-te,
 Q' para o grande affecto declarar-te
 Hum coração foi cada Luminaria.

Da fiél vassallagem, que se infama,
 Tiras-te, em tanto incendio, hum claro indicio
 De quanto occulta, em quanto assim derrama;

Seguiu no Vosso amor seu beneficio:
 Não tendo conta o número da chamma
 Qual será a extensão do Sacrificio?

SONETO V.

MAis do que em Nome, Senhor, o Régio estado
 Singular em virtudes te avalia;
 E pois nelle és certo; a primazia
 Devias assim ter do elogiado

De seguir teu valor, em fim, cançado
 Já o alento da fama se attendia;
 Por quanto, a tão Real Soberania
 Ainda boccas cem são curto brado.

Por isso soccorrido a nosso rogo
 Buscou na Augusta effigie o excelso importe
 De dar a tanto empenho hum desafogo;

Firmando-a rara, até expondo-a forte,
 Eloquencia, que ás lingoas deo fogo,
 Elegancia aos estrondos de Mavorte.

SONETO VI.

DO vosso felicissimo Reinado,
 Monarca singular as occurrencias,
 Nas que tem posto em campo impias violencias,
 Mais Supremos triunfos vos tem dado.

Sempre invicto, as crueis sombras desterrado
 Tendes com prodigiosas influencias:
 E o Reino agradecido ás providencias,
 Vos tem Memoria eterna hoje animado.

Por mais rara em tudo ser notoria,
 Sempre ha de toda a admiração, que a ama;
 Ser na sua mudez, mais viva Historia:

Servindo respeitosa, em quanto clama,
 No volume maior da Augusta Gloria,
 Se indique sómente á Vossa fama.

SONETO VII.

S O' por mais se indultar de annos
 A exaltação da offerta do Principe profundo;
 Que para ser Senhor de todo o Mundo,
 Basta ser dos peitos Luzitanos:

Nelle pois, entre obsequios mais urbanos,
 O sempre Lizio amor fiél, jucundo,
 Com superior impulso sem segundo,
 Com reverentes Cultos Soberanos:

Compellido da fé mais verdadeira
 Auxiliado da plausivel Gloria,
 E cheio, em fim, de huma constancia inteira:

Rende, eterniza, em submissão notoria,
 Ao VI. JOÃO, esta primeira
 Muda equestre Rhetorica Memoria,

SONETO VIII.

P Assaigeiro: vês esse, que reparte,
 Singular Culto, Singular Grandeza?
 Que as partes Quatro occupa á redondeza,
 Quando assim o colloca huma só parte?

Padrão, que eterno ao esquecimento a parte;
 E a gratidão levanta Portugueza
 Ao coroadado primor da Natureza,
 A privilegios dos prodigios da Arte?

Pois a JOÃO VI. he consagrado:
 E se as suas virtudes são segredo
 Empenha só no voto seu cuidado.

Ajoelha ao pedestal; e mudo, e quedo,
 Verás, que immovel ficas de pasmado,
 E junto de hum penedo a outro penedo.

SONETO IX.

S Eguem ao Principe extremos de possivel,
 Querendo nosso affecto incomparavel,
 Vêr se em parte fazia o retratavel,
 Seu Sagrado Conocito perceptivel,

Sua imagem; e só fez crível
 O quanto o Augusto ser era admiravel!
 Mas como se podia no tratavel,
 Conhecimento dar do imperceptivel?

Assim, por mais que intenta amor urbano,
 Fazer da ehamma público o segredo,
 Sempre he mais o esplendor do Soberano:

E em toda a excelça acção deste penedo,
 Do coroado Gigante Luzitano
 Não se chega a expressar mais do que hum dedo.

SONETO X.

P Or se vêr tanto o Reino agradecido
 Dó grande Príncipe paternal desvélo,
 Buscou na exposição do seu modelo,
 Augmentar mais imagens ao rendido.

Principiou o empenho no advertido,
 Porém parou em admirações e zelo:
 Que onde objecto não logra parallelo,
 Deixa ao maior esforço enfraquecido.

Sim ficou por maior, mais limitado;
 Mas conseguiu, com singular ventura,
 Dar de hum Príncipe mais alma ao estado.

E entregue todo assombro a conjectura,
 Quaes serão os indultos do animado,
 Se até ás adorações move a figura?

SONETO XI.

DA sábia natureza foi projecto
 Dar hum distincto Principe á Luza gente
 JOÃO VI., em fim; que providente
 Tem todo Imperio de altos bens completo:

Por isso agora, em compensar discreto,
 Lhe erige á sua imagem, reverente,
 Mais que de bronze o ouro permanente,
 Para baze immortal o nosso affecto.

E se o Mérito Augusto tanto abarca;
 Quem negará que a vida que lhe dura,
 Ha de sim poder mais, que o tempo, e parca;

Grande he tambem a formosura!
 Mas qual será a gloria do Monarca,
 Se he mais o contemplado, que a figura!

SONETOS

Feitos ao Senhor General em Chefe Lord Wellington.

Este he o fausto padrão, esta he a ufania,
 Que sobe a competir com a eternidade;
 E em hum composto só de raridade,
 Dois objectos o pasmo concilia.

Qualquer delles a si bem se elogia;
 De cada hum expondo sua qualidade
 De o grande Principe, a Gram Superosidade:
 Do Gram Lord, a Gram Sabedoria.

Principe, e Lord, em claro desengano,
 São de acções proprias immortal registo,
 Que excede ao tempo gastador tyranno:

Ouvindo-se do Téjo até ao Cairo:
 Oh oh qual será o Soberano,
 A quem quiz dar o Ceo hum tal Ministro,

S O N E T O

Ao mesmo.

LOrd: todos a experiencia tem mostrado
 O quanto Portugal te tem devido:
 Ou seja por mostralo defendido:
 Ou por deixálo mais utilizado.

Deve a Luza Coroa ao teu cuidado;
 Quanto nenhuma outrem tem devido:
 Fiél, zeloso, incançavel, e entendido;
 Portento raras vezes encontrado.

Não tem o Mundo pois, com que a medida
 De acções tantas compenses; assim, notoria,
 Hoje a satisfação tens mais sobida.

Inseparavel és ao templo de memoria
 Quem tão grande união tem feito na vida.
 Bem he que suba a gozar de eterna gloria.

F I M.

1/2